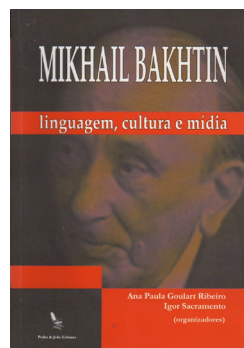


Novas perspectivas para o pensamento de Mikhail Bakhtin

Laís Lopes

**RIBEIRO, Ana Paula Goulart;
SACRAMENTO, Igor (Orgs.) (2010).**
*Mikhail Bakhtin: Linguagem,
Cultura e Mídia.*
São Carlos: Pedro &
João Editores. 430p.



Resumo: Esta resenha destaca os principais pontos dos artigos que compõem o livro *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. Atenta especialmente para as possibilidades de expansão da teoria bakhtiniana, beneficiada justamente por sua abordagem filosófica ambiciosa, até campos não previstos, como a mídia. Notam-se também muitos comentários acerca das contribuições de Bakhtin ao enriquecimento e atualização da Teoria da Comunicação, que demonstram a profunda contemporaneidade de seus conceitos.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; linguagem; cultura; mídia; teoria da comunicação

Abstract: **New perspectives for Mikhail Bakhtin's thought.** This review highlights the main arguments from the articles present in *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (*Translated to English the title means: Mikhail Bakhtin: language, culture and media*). It primarily focuses on the expansion possibilities of his theory to unpredicted fields, such as media studies, which benefits from its ambitious philosophical approach. It is noticeable a great number of comments

regarding Bakhtin's contributions to the enrichment and modernization of the Communication Theory, demonstrating the deep contemporaneity of his concepts.

Keywords: Mikhail Bakhtin; language; culture; *media*, communication theory

O livro *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* traz aos leitores brasileiros olhares inéditos de pensadores anglo-saxões sobre a obra de Bakhtin. Diferentemente de sua abordagem tradicional na academia brasileira, cujo foco foi o debate com o estruturalismo iniciado pelos franceses antes da década de 1960, esses artigos o colocam diante do pós-estruturalismo, em posições diversas e até divergentes. Indo além do seu comum emprego nas áreas da crítica literária e dos estudos da linguagem, a coletânea sugere novas articulações da teoria bakhtiniana, estendendo-a ao campo dos estudos da cultura e da mídia.

A primeira sessão do livro traz artigos no campo da linguagem, sendo o primeiro deles "Dialogismo e Estética" de Michael Holquist. Nele o autor ressalta a falha das metacríticas quando consideram a situação dos autores das obras. Propõe, então, que se leve em conta o entendimento complexo do conceito de autor, tal como pode ser depreendido da obra do próprio Bakhtin. Sendo assim, Holquist passa a contextualizá-lo dentro da história dos debates estéticos, desde a Europa do século XVIII até a efervescência das vanguardas russas no século XX. Nesse percurso, chama a atenção para a "situalidade" do conceito de corporificação¹, chave que permeia todo o pensamento sistemático do dialogismo de Bakhtin, demonstrando sua íntima relação com as ciências biológicas desenvolvidas no mesmo período.

Segue-se o artigo "Palavra exterior e fala interior: Bakhtin, Vigotsky e a internalização da linguagem", no qual o autor Caryl Emerson mostra como Bakhtin e Vigotsky tentaram superar a dicotomia saussureana entre *langue* e *parole* e chegar a uma síntese do pensamento extremático sobre a linguagem, até então vista ou como código objetivo independente dos usuários ou como produção subjetiva psíquica individual. Em seus estudos, ambos concluíram que o desenvolvimento da consciência parte do exterior e que a consequente internalização da linguagem é um fato historicamente concreto e, portanto, ideológico. Tais afirmações culminam na ideia de que a liberdade do homem está diretamente relacionada com o potencial dialógico de sua psique, pois na lacuna entre a fala interior e o mundo exterior forma-se um campo de diferenciação e atuação criativa.

1 - Por situacionalidade entende-se o papel da linguagem em relação ao processo social tanto como constitutiva quanto como constituidora deste. Através da linguagem, o sujeito está em constante diálogo com a alteridade, em um processo de devir sempre inacabado. Neste caso, analisar a situacionalidade do conceito de corporificação em Bakhtin implica em considerar o contexto cultural e até mesmo pessoal do autor. Holquist ressalta, por exemplo, como a limitação física de Bakhtin pode ter influenciado sua compreensão do papel do corpo como algo além da mera presença física, mas entendê-lo como manifestação de uma determinada realidade vivida. Outro fator destacado foi a íntima relação de Bakhtin com diversos biólogos de sua época, o que poderia ter influenciado seu pensamento sistemático e o uso de modelos biológicos para explicar o dinamismo dos fenômenos culturais.

Em “Bakhtin e as metodologias das ciências humanas: o problema do texto”, David Sheperd, na tentativa de reunir e disponibilizar digitalmente um *corpus* significativa das obras do Círculo de Bakhtin se depara com a impossibilidade de neutralidade do arquivo, bem como com as aberturas e problemas do seu formato eletrônico, comparativamente àqueles de uma edição impressa, sem opções editoriais interativas. Se, por um lado, admite que as novas tecnologias da informação podem possibilitar um entendimento mais rico e mais adequado dos conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia, por outro, ressalta a necessidade de cautela, pois tais tecnologias também comportam usos conservadores e restritivos. Assim, sugere que a experiência da exploração digital de Bakhtin possa servir “para criar um relato das consequências epistemológicas da aplicação da tecnologia da informação nas ciências humanas em geral” (p. 143).

A seção sobre cultura se inicia com o artigo de Dominick LaCapra “Bakhtin, o marxismo e o carnavalesco”. Num primeiro momento, o autor recupera o conceito de carnavalização, apontando equívocos comuns em sua utilização generalizada, para então traçar seu papel na teoria do discurso de Bakhtin, através da ideia de heteroglossia dialogisada, a presença de vozes variantes em diálogo dentro de um mesmo texto. LaCapra mostra como tal modelo de comunicação com base na interpretação dialógica e carnavalizante poderia enriquecer a leitura da teoria marxista e a crítica social em geral, por exemplo, através da utilização da paródia e da ironia na desconstrução da ideologia e na recuperação do papel da utopia na concepção de uma dimensão social alternativa que inclua o riso e o prazer. Assim, aponta os novos horizontes que poderiam surgir a partir do diálogo entre semiótica e marxismo já iniciado por Bakhtin e curiosamente pouco considerado pelos estudiosos de ambos os campos até o momento.

Em “Gramsci, Bakhtin e a semiótica da hegemonia”, Craig Brandist aproxima os dois filósofos em suas respectivas tentativas de “formular uma teoria marxista da ideologia e sua relação com a linguagem” (p. 186), partindo tanto de Saussure como dos formalistas russos, adversários comuns do positivismo que apontavam para a linguagem como base da estrutura da consciência. No entanto, Gramsci e Bakhtin procuraram superar a dicotomia entre *langue* e *parole* ou o tratamento separado de *energeia* e *ergon*, buscando compreender os fenômenos culturais de forma dinâmica e avançando além da visão determinista e burocratizada da linguagem. Por outro lado, apesar de se aproximarem em alguns pontos dos filósofos românticos, ambos investiram na linguística como ciência histórica, superando também a visão idealista da linguagem como expressão artística individual. Quanto às divergências, em grande parte providas dos diferentes contextos políticos do fascismo e do stalinismo, Brandist nota a tendência contra-hegemônica e revolucionária de Gramsci, que acreditava no sucesso do Partido, enquanto Bakhtin opta pela anti-hegemonia, demonstrando sua tendência anárquica ao opor-se às forças centrífugas atuantes na cultura. Em sua conclusão, o autor afirma que ambos contribuíram com o materialismo histórico, revendo sua metodologia e que, da mesma forma, hoje é preciso atentar para as inadequações do método pós-estruturalista.

Michael Gardiner é autor de “O carnaval de Bakhtin: a utopia como crítica”, artigo no qual polemiza com os críticos Gary Morson e Caryl Emerson e com uma tendência intelectual predominante desde os anos 1980, tanto da direita quanto da esquerda, consistente em descartar a utopia como “uma forma arquetípica de metanarrativa terrorista” (p. 211) ou até mesmo “exemplo falido do coletivismo totalitário” (p. 211). Gardiner ressalta a importância da utopia crítica e traça um quadro teórico argumentando que a crítica ideológica e cultural não pode se basear somente na desconstrução da hegemonia, pois a dialética entre ideologia e utopia é fundamental para alavancar transformações reais. O que alguns percebem como enfraquecimento teórico nos últimos textos de Bakhtin é aqui entendido como a passagem do interesse no dialogismo meramente textual para as “potencialidades transgressivas” da cultura “carnavalizada” (p. 225). Assim, o autor traz à luz uma leitura alternativa da teoria do carnaval que recupera seus elementos utópicos-críticos e, sem enquadrá-lo como marxista, aproxima-os das ideias de Bloch. Por fim, justifica a centralidade da utopia para a construção da política cultural de Bakhtin que encoraja “a desconstrução popular dos discursos e ideologias oficiais”, amparando-se na “crença que o estabelecimento da liberdade linguística e cultural é um pré-requisito para a emergência de comunidade verdadeiramente igualitária e radicalmente democrática” (p. 247).

“O carnavalesco e a narrativa contemporânea: cultura popular e erotismo” de Linda Hutcheon sugere uma extensão do campo de análise de Bakhtin para que passe a incluir o romance moderno, que, em sua opinião, reforçaria ainda mais seus argumentos, pois estes textos também apresentam, às vezes, até de modo exagerado, as características da polifonia e do dialogismo. A autora aproxima a definição de carnaval como oposição à cultura oficial com o papel da metaficção na contestação do realismo no romance através da autocrítica, apontando para a tendência crescente do uso da paródia e da autorreflexão na literatura. Ela vê a metaficção contemporânea numa fronteira entre arte e vida, escritor e leitor que desafia a burocratização e formalização da linguagem em resposta ao medo do discurso oficial do progresso. No entanto, nota que as leituras da *cultura pop* moderna substituem “a utopia otimista” de Bakhtin em relação à ambivalência e incompletude das formas “populares-festivas” por um “pessimismo irônico” (p. 261) que as interpreta de modo confuso e anárquico. Ainda assim, afirma que as narrativas pós-modernas desafiam o elitismo, “democratizam as hierarquias” e tornam-se ainda mais acessíveis pela flexibilização do gênero, ao se aproximarem de outras séries culturais, como quadrinhos, cinema, música pop, pornografia etc. Por fim, mostra como a presença erotizada, mas negativizada do corpo, que deixa a crítica literária tradicional especialmente desconfortável, pode gerar um diálogo crítico produtivo no encontro com a descrição do carnaval de Bakhtin.

O artigo “A redescoberta da ‘ideologia’: o retorno do recalcado nos estudos da mídia”, de Stuart Hall, abre a última sessão do livro, *Mídia*. Nele o autor faz uma distinção entre três modelos de pesquisa em comunicação, enfatizando a ruptura entre o paradigma dos integrados e o paradigma crítico, com o qual contribuiu a abordagem teórica de

Bakhtin, que reincorpora o papel da ideologia. Primeiramente, o modelo predominante entre os séculos XVIII e XIX ocupa-se do surgimento do massivo na cultura, observando o desenvolvimento do capitalismo e a formação de meios de comunicação de massa, para os quais “massa” era a designação pejorativa e generalizante de uma maioria urbana alienada. Um segundo, em ação a partir de 1940, é a resposta americana à crítica moral e pessimista, com uma teoria funcionalista-comportamental. Nessa fase predominam estudos sobre efeitos da influência da mídia e pesquisas empíricas de comprovação dos mesmos. Nesse caso, os observadores partem do paradigma da mídia como grande integradora, cuja função é estabelecer a coesão de uma sociedade pluralista reforçando valores já consolidados pelo centro da estrutura social. Numa terceira fase, readmite-se a perspectiva crítica, mas de modo complexo a partir da abordagem ideológica. A mídia passa a ser um terreno de negociação de significados, mediação de processos sociais e formação, não apenas reflexo, de consenso na sociedade. Aqui, nota-se a mão de Bakhtin na reformulação de conceitos-chave para a teoria da comunicação, como ideologia, domínio e hegemonia, a partir de sua posição de que “o signo é uma arena de luta por sentidos”.

Em seguida, Robert Stam mobiliza as categorias principais do pensamento de Bakhtin para discutir a política cultural dos meios de comunicação de massa em “Bakhtin e a crítica midiática”. O autor afirma que a esquerda sempre foi majoritariamente ambivalente em relação a esses meios, demonstrando entusiasmo ou melancolia a respeito deles, mas vê em alguns pensadores, como Enzensberger e Jameson, por exemplo, a tentativa de uma síntese dialética entre ambas as posições que, segundo ele, poderiam ser enriquecidas ainda mais com a visão de Bakhtin. A “poética histórica” (p. 333) evita tanto o formalismo apocalíptico quanto o determinismo marxista da superestrutura, permitindo entender a mídia de massa como “uma rede complexa de signos ideológicos situada no interior de ambientes múltiplos” (p. 333). Stam considera o papel dos “participantes criativos”, que podem atravessar as tendências hegemônicas, pois a heteroglossia faz o conflito presente no texto, no contexto, nos produtores e receptores. Ao lançar mão de categorias bakhtinianas como “tato”, “carnaval” e “polifonia” para compreender a complexidade do discurso, que “pode ser progressista e regressista ao mesmo tempo” (p. 335), afirma ser possível identificar onde há potencial emancipatório latente e também desmascarar os mecanismos de repressão, culminando em novas estratégias para recuperar a crítica e a utopia das vozes abafadas.

No último artigo do livro, “A intertextualidade revisitada: diálogos e negociações nos estudos de mídia”, Gunhild Agger começa por apontar o perigo de um retrocesso representado pela expansão infinita do conceito de intertextualidade. Agger sugere que não se pense a intertextualidade apenas como confronto, mas “como um conceito que indica que vários diálogos e negociações estejam acontecendo entre textos e autores, nos diferentes gêneros literários e entre eles, e também entre diferentes sistemas de representação e de narrativa” (p. 397). Em seguida, revê os conceitos bakhtinianos

comumente associados à ideia de intertextualidade (diálogo, funções dos gêneros, cronotopos e carnavalização) analisando desdobramentos e limitações dessas ilações. Entre elas, as questões da identidade nacional e das transferências interculturais, que não foram pensadas diretamente por Bakhtin e que o autor aborda, complementarmente, através dos estudos de Iuri Lotman.

Laís Santoyo Lopes é fotógrafa, graduada em Cinema e mestranda do programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

laislopes@gmail.com